

Brasil. *Sociologia: revista didática e científica*, S. Paulo, 8(3): 172-183, 1946.*

- 7 - _____. Aspectos da cultura e da vida social no litoral brasileiro. *Revista de Antropologia*, São Paulo, 1(2): 81-97, 1953:
- 8 - SCHMIDT, Carlos Borges. *Alguns aspectos da pesca no litoral paulista*. São Paulo, Secretaria da Agricultura-Diretoria de Publicidade Agrícola, 1948.

* Este trabalho corresponde ao último estudo da autora incluído na presente coletânea.

O CERCO DA TAINHA NA ILHA DE SÃO SEBASTIÃO

Quem visita essa Ilha da costa leste do Estado de São Paulo, nos meses de inverno, encontra os pescadores de tainhas em plena atividade. E não é abusivo falar em pescadores de tainhas, porquanto há um "tráfego" especial para essa pescaria, e não raro, muitos dos que passam o ano todo sem "matar" peixe, fazem-no especialmente na época tainheira. E um legítimo representante desses dizia com desdém: "Muitos pescadores pescam por pescar. Não têm ideal! Imagine que em pleno tempo de tainha, saem com tresmalho de parati, só de ambição de pegar qualquer peixe!"

Considerando nesse artigo o cerco da tainha, não é aos barcos de pesca pertencentes, quer a uns poucos proprietários da própria Ilha, quer a companhias santenses, que me voltarei. Essa organização ultrapassa os limites da organização local e difere grandemente da do pequeno pescador, à qual me aterei. Pelos "barcos", a pesca é realizada em grandes proporções: o peixe, produto de seu próprio trabalho ou adquirido aos pequenos pescadores dos vários pontos do litoral, carregado para Santos e colocado no mercado de lá. Vendido o peixe, tiradas as despesas, divididos os lucros, reparadas as avarias, carrega-se novamente a embarcação de óleo e gelo e volta-se ao mar, principalmente em direção à Ilha Grande, em busca da lucrativa sardinha. Tive oportunidade de conversar com inúmeras

ros mestres de lanchas: todos eles com um verdadeiro calendário de pesca na cabeça, orgulhosos por conhecerem como e quando procurar o "justo" peixe, no "justo" lugar.

Salvo alguns proprietários de barcos do bairro do Sombrio (o único centro da Ilha especializado em pesca) está fora de alcance do pequeno pescador local o dispor de capital para empatar num barco de cento e vinte mil cruzeiros ou numa traineira (rede especial para apanhar sardinha) que custa a insignificância de sessenta mil cruzeiros.

Esta organização de pesca, mesmo quando existente na Ilha, não se limita aos seus arredores¹; exige o funcionamento, em conjunto, de duas equipes especializadas: a do barco e a da rede; e, quando se trata de companhias santenses, mantém o ordenado uma tripulação de embarcados, que nada tem com seus lucros e perdas².

1 A amplitude da área de pesca vai se alargando com a introdução paulatina de meios mais adequados de realizá-la. Antes do uso da traineira, a sardinha só era capturada durante os meses de outubro, novembro e dezembro, época em que se aproximava a mais ou menos cento e vinte metros da praia, sendo alcançada pelos arrastões. No entanto, uns quatro meses antes já se viam, fora da altura que alcançavam os arrastões, grandes cardumes, sem que os pescadores pudessem apanhá-los. A traineira resolveu o problema. Introduzida na Ilha Grande, só aos poucos vai se difundindo na Ilha de São Sebastião.

2 Os embarcados preferem se engajar nos barcos de pesca com participação nos lucros. Não raro, pescadores da Ilha que outrora foram empregados, puderam acumular dinheiro para a aquisição de barcos de pesca. Muitas vezes foram residir em Santos, mas continuam a visitar constantemente a Ilha e dar participação em seus barcos aos moradores locais, fazendo-os partilhar dos lucros. A tripulação de um barco consta das seguintes pessoas: mestre, primeiro maquinista, primeiro marinheiro, segundo marinheiro, moço de bordo (limpeza), cozinheiro e um "sobressalente". O dono do barco, vendido o produto e tiradas as despesas de viagem, divide o restante em 16 partes. Fica com a metade, ou seja, com 8/16; os outros 8/16 são distribuídos em 3 partes, cabendo ao mestre e primeiro motorista parte e meia, e aos demais, uma parte. Na época de fatura de peixe, principalmente dos de melhor qualidade, cada tripulante chega a receber, em viagem de 3 ou 4 dias, mil e quinhentos a dois mil cruzeiros. E isto é, sem dúvida, muito mais conveniente do que receber um ordenado fixo de oitocentos cruzeiros. Num barco funcionam duas equipes: a do barco e a da rede. Embarcada, por exemplo, uma traineira num barco, os tripulantes desse ficam à disposição da rede. O mestre da rede, então, sobe ao mastro e, com as pernas e braços, vai indicando a direção a ser seguida pelo mestre do barco. Lançada a rede (cada homem tem sua função), recolhido o peixe, o mestre dela vende o peixe ao mestre do barco, por uma tabela de preços local. O dinheiro é então dividido em partes proporcionais aos componentes da rede. Entra, então, em funcionamento, a equipe do barco para colocar o peixe nos caixões, conservá-lo no gelo, etc. Levado a Santos o produto, é ele vendido por uma nova tabela de preços. A diferença entre o preço lo-

O pequeno pescador da Ilha dispõe somente de aparelhamento rudimentar, produzido no local; não dispõe de meios para a conservação do "peixe fresco" e combina, para garantir a própria subsistência e a dos seus, mais de uma atividade, aliando comumente a pesca à pequena lavoura de sua "quadra". É este pescador que, condicionado a um deslocamento pequeno para além de onde reside, mantém mais conservados os meios tradicionais de pesca, tem conhecimentos seguros sobre a vida dos peixes e condições ambientes mais adstritas à sua zona e oferece maior resistência à inovação, quer porque se tenha habituado a uma forma determinada de fazer as coisas, quer porque não disponha de capital para inverter nos aparelhamentos que a técnica moderna apontou como mais eficientes³.

Contudo, mesmo nesse caso, raro é o que não tenha estado em Santos, quer trabalhando nas docas, quer como embarcado. Disso provém a disparidade entre o que conhece e o que pratica. Muita coisa ele viu ou ouviu diferente do que observa ao seu redor: mesmo não possuindo, conhece o manejo de uma traineira, seu preço, onde começou a ser aplicada, marca e origem dos motores de lanchas e lugar de proveniência dos mesmos... Mas se sabe que há em São Paulo uma fábrica de redes que as cobra a sessenta cruzeiros por metro, continua a fazer as suas próprias à mão ou a pagá-las a outrem por braça (medida variável de acordo com o tamanho da envergadura de quem as confecciona); apesar de conhecer os estaleiros de Santos, a pagar a construção de suas canoas a carpinteiros locais, que ainda fazem a "puxada" pelo sistema de mutirão, ao som dos "pontos" do jongo.

cal e o preço em Santos constitui o lucro da tripulação do barco. É esse lucro que é, então, tiradas as despesas, dividido entre os componentes dessa equipe. Na Ilha de São Sebastião já existem traineiras deixadas em terra. Quando passa o barco da companhia ou dono correspondentes, embarcam a traineira e procedem da forma acima descrita. E, enquanto o barco vai a Santos vender o peixe, os da rede ficam em terra cuidando dos reparos da mesma. Por sua vez, o lucro dos donos de tráfego e barco (quando se trata de companhias santenses) consiste na diferença de preços entre os da tabela dos "produtores" e a dos "consumidores".

3 Haja visto, por exemplo, a relutância na substituição das redes de fundo pelas de superfície, mais condizentes com os conhecimentos sobre a flora e a fauna marítimas. Os arrastões, apontados como motivadores do empobrecimento da flora e, conseqüentemente, dos peixes, pelo contínuo revolver do fundo do mar, são ainda as redes preferidas, mesmo quando o seu preço não é menor ao de uma rede de superfície.

Mas quando perguntei a inúmeros deles o que fariam se tivessem dinheiro, a resposta não se fazia esperar: "Movimentava ele. Dinheiro que não enxerga sol, nem lua, não cresce". E quando eu insistia sobre em que consistia movimentar o dinheiro: "Comprava barco de pesca e tráfego e punha homens para trabalhar. É disso que a Ilha precisa: de gente que dê trabalho aos homens". Desta forma, ter barco de pesca representa o ideal daqueles que nem uma vez sequer salientaram a vontade de adquirir dinheiro para construir, por exemplo, uma casa confortável⁴.

É comum que especialistas que se dedicam ao fabrico de canoas e barcos, ou à confecção de redes, mais cedo ou mais tarde acabem fazendo para si próprios o objeto de sua especialidade. Também é comum que um padeiro ou um vendeiro, que disponham de capital, comprem para si uma rede, o que lhes garante o terço no pescado.

Mas voltemos à pesca da tainha e ao pequeno pescador que em lugar de um "barco de caverna", possui uma canoa; em lugar de uma traineira, uma parte de um tresmalho e em lugar de manter a ordenado uma tripulação, é ele próprio o "mestre" de sua canoa, incluindo-se na partilha do pescado, recebendo o seu "quinhão", não em dinheiro, mas "in natura".

O ciclo desse peixe tem, por peculiaridade da espécie⁵, seu início titubeante, seu clímax e seu declínio, e estes são momentos de

4 Já se observa na Ilha o emprego do capital em meios de pesca mais eficientes, mas mais caros, como por exemplo, na traineira ou no cerco flutuante, mesmo por pessoas que não são pescadores. Muitas vezes o próprio dono, é verdade, participa de seu uso. Mas outros há que já estão mantendo a ordenado um grupo de "visitadores" de cercos ou de manejadores de traineira. Há pouco, em Ilhabela, seis sócios (não pescadores) adquiriram uma por sessenta mil cruzeiros. Cada um entrou com seis mil cruzeiros iniciais, devendo pagar o restante em noventa dias (segundo eles próprios, "com o produto do uso da rede"). Um cerco flutuante fica, atualmente, em dezoito mil cruzeiros. Meio eficiente de pescaria, tem apenas a desvantagem de ser fixo e de ter o seu número regulado por lei "para que não fiquem muito próximos uns dos outros". Na Ilha há cerca de 30 cercos.

5 A tainha é peixe do mar da família dos Mugilídeos. Cria-se, porém, em água doce e vive, durante algum tempo, na água salobra das embocaduras; depois, vai para o mar. Observações mais acuradas vieram desfazer a impressão de que este peixe entrava para as lagoas, rios e estuários para aí desovar. Se isto é verdade para outros peixes, não o é para a tainha que, se entra efetivamente nesses lugares, é por questões exigidas pelo seu próprio desenvolvimento (primeira fase de sua vida). Esta permanência coincide com os meses de verão. "Caíam, porém, os primeiros

significação diferente na faina de sua pesca, que dura cerca de três meses. Expressões localmente usadas caracterizam popularmente estas diversas fases. Assim, quando já em fins de maio, uma ou outra tainha aparece e cai, incauta, na fisga do facheador⁶, prenunciando a "estação", fala-se em "tainha solta"; quando depois, nos meses de junho e julho, após o sopro dos esperados SW., aparecem em grandes magotes, marchando às centenas para o norte, sempre próximas à costa, usa-se a expressão "peixe de corrida", finalmente, em agosto, a tainha é "peixe de arribada", porquanto, parando no ponto a que tenha chegado, não sobe mais, começando a voltar para o sul, ocasião em que seu número vai decrescendo consideravelmente, até se reduzir ao aparecimento esporádico de uma ou outra durante o ano⁷.

Durante a época que precede à chegada do mugil, a atividade (no que toca à pesca) se resume no concerto dos arrastões de praia ou tresmalhos, na substituição das partes corroidas pelo uso do ano anterior, na fabricação de redes novas e na colocação das mesmas, para secar, nos varais das praias, depois de um banho de resistência, com água de casca de aroeira, mangue ou cajueiro⁸.

minuanos, trazendo-nos os frios andinos (o que sucede em abril) e as tainhas retiram-se das numerosas lagoas do sul brasileiro, para, como se diz em Santa Catarina, "correr o corso". É o "peixe de corrida" da Ilha. Saindo ao mar, a tainha já vem ovada e gorda, fornecendo as apreciadas ovas de tainha. É nessa corrida que se dá o fenômeno da piracema: postura dos óvulos pelas tainhas fêmeas, expulsão do sêmen pelos machos e fecundação de uma parte mínima dos primeiros. É a tainhota gerada nessa ocasião que se recolhe, depois, para a água doce. E o ciclo continua. Tudo isso, menos a designação científica, é do conhecimento do pescador.

6 "Fachear" (de facho) é na Ilha sinônimo de "fisgar". O fisgador vai em uma canoa, erguido, com um pé em cada bordo, levando na mão a fisga (propulsor terminado num garfo de três ou cinco pontas) com a qual vai indicando a direção aos dois remadores. Perseguem o peixe com a popa na direção e sobre ela assentam o facho. Esta forma de pescaria, realizada à noite, tem o sentido de um verdadeiro esporte. Só conheci um fisgador em Ilhabela.

7 Muitas vezes se ouve a expressão: "Vamos apanhar tainha de corrida", referindo-se àqueles que saem em mantas, precipitadamente, acossadas pelo resfriamento das águas, costeando as praias e saindo barra a fora em época certa do ano. Porém, quando se diz "a tainha é peixe de corrida", esta é uma forma de caracterizá-la. Também são assim chamados a cavala, o bonito, a enxova, etc...

"Peixe de arribada": arribar é na Ilha sinônimo de voltar.

8 Ferve-se a casca de aroeira, cajueiro, mangue ou cobi. Deposita-se a rede numa canoa e sobre ela despeja-se o líquido, deixando-se-a embebida durante um dia. Depois é posta para secar nos varais, em posição horizontal. Renova-se o processo sempre que a rede está perdendo a cor ou quando se fazem reparos com pedaços de rede nova.

Tive oportunidade de assistir a um desses momentos de expectativa, quando, tudo pronto, espera-se pela chegada da tainha. Os olhos do pescador, quando no mês de junho, se voltam constantemente para sondar a bocaina, o ponto de referência barométrico enunciador do SW., "o vento forte que encosta tainha"⁹. Nessa época, quando ele sopra impiedoso, varrendo as praias e ericando as águas comumente lisas do canal em marolas, impedindo qualquer atividade fora de casa, há certa preocupação por parte do pescador temeroso de que, soprando demais, ponha as "mantas" para fora do canal ou as fraccione em cardumes menores¹⁰.

É comum que do outro lado, no continente, no local denominado Bairro de São Francisco, a pesca já decorra animada quando, em Ilhabela e imediações do lado de cá, ainda não começou. Prende-se isso ao fato de lá existirem os baixios ("baixos" como se diz na Ilha), zona preferida não somente pela tainha, como pelo camarão, que encontram mais alimento em fundo de vasa.

O aparecimento de pescadores do Bairro a vender tainha na Ilha, é incentivo para os daqui arrostarem o mar, principalmente à noite, à procura de mantas para cercar. Chegam muitas vezes até Baraqueçaba, no continente, distância nada negligenciável, voltando, ao amanhecer, não raro com a rede enxuta. O motivo dessas longas "caminhadas" não é tanto o lucro que possa advir, mas a emoção de apanhar e ostentar os primeiros peixes da temporada. É verdade que nessa ocasião aproveitam-se os cercadores de tainhas para apresentá-las ao "mercado" pelo preço mais elevado que esse peixe chega a atingir. Também, é quando se encomenda o peixe antes da pescaria, e quando um dono de hotel não hesita em pagar uma tainha verdadeira até a 12 cruzeiros e um parati, a 7 ou 8. Nessa fase da pesca há aspectos curiosos: em primeiro lugar, somente os amantes mesmo da pesca e que dispõem de tresmalhos (rede conduzível em canoa) é que arrostam o mar para ir cercar peixe onde

9 Um pescador me explicou: "Conhece-se o vento por como ele se forma. O SW. traz escurecimento na bocaina. O NO. traz bolas de nuvens brancas em cima da serra no continente. Estas bolas avançam na direção de São Sebastião, formando uma grande bola única que se precipita num vento forte sobre o canal. É assim que o NO. se transforma no SW. E o SW. é o vento que estamos esperando para encostar tainha".

10 Conhecem e usam a expressão cardume. Porém usam a palavra "manta" para as maiores quantidades de peixe.

ele se encontre; em segundo lugar, é a fase da venda local, quando a "tainha não dá nem para o gasto" ou então, quando as dificuldades de captá-la a colocam a preços tão exorbitantes, que não podem interessar às lanchas de pesca¹¹. Além disso, a pesca com tresmalho exige que se selecionem os componentes de cada canoa, porquanto, como veremos depois, cada um deles tem sua função definida. Vi, por exemplo, com que insistência se procurava a colaboração de um rapazinho de quinze anos, durante noites seguidas, simplesmente porque ele era um bom chumbreiro e não se podia encontrar outro. Também é a fase da rivalidade entre os ternos de tresmalhos, os pescadores guardando o segredo do local em que conseguiram encontrar o peixe e evitando até fumar, quando pescam à noite, para não denunciar aos outros a sua presença.

Na época do clímax as coisas assumem outro aspecto. É comum ouvir-se, quando o mar está calmo e o vigia anuncia um cardume em movimento, o toque repetido da buzina de rede, convidando os pescadores a tomar parte num arrastão. E um dono de tresmalho me dizia: "Agora já não tem ciência. Qualquer um pode puxar cabo num arrastão. No tresmalho não: cada homem precisa saber o que faz".

O chamado da buzina, não raro, é inútil. Quantas e quantas vezes ouvi o toque clamoroso, insistente, por horas a fio! O pescador "fortuito" que não faz da pesca o único meio de vida, tem exigências especiais quanto às condições do tempo, oportunidade da hora, disposição individual... E um dono de rede se queixava amargurado: "Toquei a tarde toda e nenhum malvado apareceu. Havia tainha de se pegar com a mão na praia. Não sei o que me prende nessa Ilha!". E o desalento do homem chegava ao paroxismo quando me contava que tivera um dia que levar mulheres da casa para deitar rede: "E de noite não faltou malandro que viesse procurar peixe pra comprar". O fato de levar mulheres à pesca significava

11 As lanchas de pesca têm possibilidade de escolher a justa época e local para a obtenção dos peixes de melhor qualidade e melhores preços. A tainha, que não é um peixe fino, apresentando apenas a vantagem de ser obtido em grandes quantidades, não pode interessar às lanchas de pesca nesse período inicial. Se a sardinha atrai para a Ilha Grande os pescadores, é porque lá compram uma caixa de sessenta quilos a doze cruzeiros e a revendem em Santos à razão de noventa centavos o quilo. Uma tainha comprada no início da estação a dez cruzeiros ou mesmo a oito, seria revendida em Santos ao preço de três cruzeiros e cinquenta centavos o quilo e, muitas vezes, não atinge ela a dois quilos...

uma tão grande afronta aos costumes locais e aos brios masculinos, que era imperdoável¹². E terminou: “Mas vá a gente tocar viola, que é a buzina da ciranda, e logo está todo mundo aí”.

O que o pescador não compreendia era que a ciranda¹³ é um dos únicos divertimentos na Ilha, ao passo que a pesca, apenas um achego na vida daqueles que se dedicam muito mais à agricultura ou a um mil número de outros afazeres. Porque na verdade, como já o dissemos, o único centro especializado em pesca na Ilha é Sombrio (Baía dos Castelhanos) que, por condições especiais de lugar abrigado e piscoso, teve em suas águas o primeiro cerco flutuante do Estado e do Brasil; onde a sucessão de qualidades diversas de peixe durante o ano todo permitiu o acúmulo de capital para a aquisição de barcos de pesca e onde a agricultura está nas mãos das mulheres ou é afazer secundário a que se entrega o homem quando desembarcado¹⁴.

Sem dúvida, a época da tainha causa uma movimentação desusada. Mas mesmo assim, na região do canal, principalmente nas vizinhanças de Ilhabela, desperdiça-se bem negligentemente a oportunidade. E aquela cena que Conceição Vicente de Carvalho¹⁵ pre-

12 No Bairro do Bonete, segundo me informaram, as mulheres ajudam a puxar na rede; não, porém, a lançá-la. No que se refere à pesca, o trabalho feminino se limita à confecção da rede e ao “conserto” do peixe (limpá-lo, salgá-lo e pô-lo ao sol para secar).

13 Ciranda é na Ilha sinônimo de baile.

14 O Recenseamento Brasileiro de 1920 dá para a Ilha 1.803 pessoas na agricultura e 91 na pesca; o Recenseamento Paulista de 1934, 1.527 na agricultura e 198 na pesca (incluindo três mulheres). Em dados fornecidos pelo encarregado de estatística de Ilhabela, ao Ministério da Agricultura, sobre as atividades das Colônias de Pescadores em 1942, o número de pescadores que tiraram caderneta para o exercício da profissão subia a 704. Desses, porém, apenas 188 estavam em atividades. Esses dados são significativos: os do recenseamento, por evidenciar a predominância da agricultura; os últimos, por mostrarem como os conhecedores da pesca (e que quiseram se garantir caso tivessem que se voltar ao mar) são em maior número do que os que realmente estão em atividade.

No livro de matrículas de escola isolada do Sombrio, não encontrei um único pai de aluno que não fosse pescador.

Há núcleos de povoação que estão se desenvolvendo em conseqüência da pesca e parecem se especializar nela. Por exemplo, Estácio, onde foi localizado um “cerco de japonês”, as oito famílias que atualmente residem no local são mantidas pelos donos do cerco os homens, como visitantes e cuidadores do mesmo; as mulheres como “consertadoras” do peixe.

15 V. CARVALHO, Maria da Conceição Vicente de. *Santos e a geografia humana do litoral paulista*. 1944. p. 108 e 112. (Tese de doutoramento, não publicada ainda.)

senciou em muitas praias do litoral paulista, onde “nesse tempo toda a vida do praiano fica na dependência estreita da buzina da rede” e onde “ao som da buzina ninguém resiste; todos os afazeres são suspensos, e somente os que não podem mais andar deixam de correr para a praia”, foi grandemente modificada na Ilha, pelo menos na zona do canal, para desalento dos que conservam a memória de tempos em que as coisas eram diferentes, de quando os homens teriam mais noção de que estavam desperdiçando uma oportunidade rara, porque não contavam com os trabalhos na cerâmica, nas fábricas de aguardente, na serraria, etc., que agora atraem os habitantes dessa área, com seus salários convidativos.

Devido a isso, é comum que na época da tainha os dois sócios de um tresmalho (geralmente são dois) estejam constantemente em consultas para combinar se vão lançar rede ou não, e quais serão os companheiros, porque não é fácil encontrá-los a postos, principalmente quando é necessário ir cercar o peixe do outro lado, onde sopra vento frio que denominam de “terralão de boca de barra” e que também arrefece o ânimo do pescador...

Embora não haja, quanto ao pequeno pescador, nenhum contrato entre os homens que tomam parte numa rede, são quase sempre os mesmos que pescam para um determinado “terno” de tresmalhos.

A pescaria à noite, além da vantagem de não impedir as atividades diurnas, apresenta a de que, com uma rede de seis braços de altura, pode-se cercar peixe numa profundidade muito maior. Quando durante o dia, há necessidade de deixar “rede morta” que toque o fundo, impedindo que o peixe saia por baixo¹⁶.

Embora a tainha possa ser apanhada com qualquer rede, desde que o tamanho da malha não seja nem demasiado grande, nem pequeno, para permitir que ela fique presa pela cabeça¹⁷, o sistema mais usual para captá-la é o do tresmalho. O nome tresmalho provém de uma antiga rede, hoje em desuso na Ilha, e que realmente se

16 Quando é cercada u'a manta parada, as tainhas fazem um movimento rápido para o fundo, levantando grande quantidade de lodo. Nesse movimento, encontrando saída por baixo, se vão.

17 A tainha e o parati são peixes que não vêm “copiados” (isto é, no “cóprio” da rede), mas “emalhados”. Os que não se emalham, quando a rede é recolhida saltam às vezes até um metro acima d'água pondo-se a salvo. Donde serem as redes a eles destinadas feitas com malhas do tamanho da cabeça do peixe.

compunha de três malhas: uma parede frouxa de malha fina no centro e duas paredes de malhas largas (do tamanho da cabeça de uma tainha) de cada lado, ligadas a tralhas e cabos comuns. Desta forma, as três redes ficavam sobrepostas. Era uma "rede de espera" que, fundeada por meio de um chaço ou poita, era recolhida depois com os peixes que se emalhavam, quer viessem por um lado, quer por outro. Conhecida também por "orbitana" ou "rede de portugueses", também foi denominada "feiticeira" porque, segundo o pescador, "peixe que nela bater não escapa". O peixe grande ficava retido na malha grande; o pequeno, mesmo atravessando a malha grande, ficava detido na malha do meio ou preso no saco formado pela superposição das duas redes. Segundo me informaram, ainda se encontram orbitanas em Ilha Grande e Santos.

Mas o que se denomina de tresmalho hoje, é uma rede de um único tipo de malhas. Há os tresmalhos para tainha e os tresmalhos para paratis. Comumente, têm 70 braças de comprimento (cada uma das partes), por seis de altura. Sua malha, quando para parati, é de uns 2 cms. e quando para tainha, um pouco maior. Na tralha do chumbo, em lugar de chumbo, usam-se saquinhos de areia para não fazer barulho nos bordos da canoa e não espantar o peixe arisco. O tresmalho não possui cabos: as mangas da rede são recolhidas diretamente na canoa. Na manga por onde se começa a lançar, a tralha do chumbo e da cortiça terminam em dois cordéis, cuja função veremos depois.

No cerco com tresmalho procede-se da seguinte forma: saem duas canoas, cada uma delas com uma rede (as duas juntas constituem o "terno" de tresmalhos) e três homens. À pequena distância seguem canoas que vão "aparar" tainha.

As canoas que transportam o tresmalho têm um mestre (popeiro), um chumbereiro e um proeiro. De início, todos remam. Quando se vai procurar mantas para cercar, o proeiro é que vai indicando a posição a ser seguida: "Para fora! Para o nosso lado! A bores-te!". Avistando o cardume, que de dia reconhecem por um ligeiro marulhar e opacidade em forma circular no centro do cardume e à noite, por um clarão típico¹⁸ a que na Ilha denominam de "incêndio de tainha", localizam-no para começar a largar. A manta, quando em movimento, deve ser avistada a uma distância mínima

18 Não é apenas a tainha que faz incêndio. Muitos outros peixes o fazem e de todos, "o mais belo" é, segundo o pescador, o do peixe-galo.

de uns vinte metros, para que haja tempo suficiente para o cerco. Então, as duas canoas agem da seguinte forma: aproximam-se e uma delas lança à outra a "ourela" da rede, terminada pelos dois cordéis de que falamos acima; esta segunda canoa toma o final da rede da primeira e, transpassando-a na sua própria rede uma braça, amarra os dois cordéis. Lança, então, a "ourela" de sua rede à primeira canoa que faz o mesmo. As duas redes se encontram, agora, unidas. A isso chamam eles "perfiar" as redes. Começa-se, então, o cerco: o proeiro vai dirigindo e remando; o chumbereiro, apenas lançando o chumbo e o mestre, "lança uma duchada de rede e dá uma remada", isto é, lança a cortiça. Tudo isso é feito com o mínimo de barulho possível. Porém, quando o cardume se espanta por um barulho involuntariamente feito, esquece-se a precaução: tudo se precipita num turbilhão. Mestre e proeiro já não se encarregam de sua missão: a sua única preocupação é cercar o peixe enquanto é tempo. O chumbereiro vai lançando o chumbo; mas a cortiça é deixada, caindo a rede n'água aos montões e abrindo-se por si.

Tudo se resume agora em aprisionar a manta toda: "Cardume cortado não emalha", diz o pescador.

O magote tendo a frente impedida pela rede que começou a ser lançada, começa a volteá-la e se não houve tempo para barrar-lhe a saída, se porá a salvo.

Descrevendo um círculo, as duas canoas se aproximam novamente e, passando uma pela outra, sempre lançando rede, fazem com que as duas partes do tresmalho novamente se justaponham. Está fechado o cerco. No interior dele as tainhas saltam desesperadamente. As outras canoas que foram ajudar a "aparar", colocam-se ao redor, a intervalos, tendo içadas as "entrepares"¹⁹. Muitas vezes uma canoa penetra dentro do círculo, a fazer barulho sobre os bordos com os remos, para "assustar" o peixe. A vibração dos remos na canoa produz um barulho surdō, característico, que fica nos ouvidos da gente, mesmo depois que acaba a estação.

19 "Entrepara" é o que se conhece em outros lugares com o nome de "angareira". É uma pequena rede, de forma triangular, de malhas miúdas, que tem a cabeceira cosida numa vara móvel. A parte inferior da mesma é amarrada num dos bordos da canoa. No momento adequado, içam a vara, de sorte que a rede forma uma parede. E as canoas com entrepara se colocam no cerco de forma a que, o bordo com a rede levantada, fique para fora. A tainha bate na malha e cai dentro da canoa. Os aparadores dão 1/3 das tainhas que conseguem ao tresmalho.

Ao cabo de algum tempo, começa-se a recolher. Cada uma das canoas que transportou o tresmalho vai agora voltando pelo mesmo lugar por onde veio. E a rede, suspensa, se apresenta como um agulheiro de peixes. Os que não se emalharam ainda, saltam agora, mas vão bater de encontro às entreparas e se depositar no fundo da canoa de espera. Chegando as duas canoas ao ponto de partida, desatam os cordéis, recolhem a rede e voltam à terra com o respectivo carregamento que vai se amontoar num lugar comum.

Quando se faz mais de um lance, vai-se deixando a partilha para o final. Quando na divisão sobram peixes, são eles vendidos no momento e o dinheiro repartido. Quando não há comprador, o peixe que sobra é cortado em postas e distribuído no quinhão.

Da partilha se encarregam os mestres; e a primeira porção que se tira é o "terço do tresmalho".

Na divisão do pescado observa-se o seguinte critério:

- 1 - o proprietário do "terno" de tresmalhos e das duas canoas recebe 1/3 do total do peixe;
- 2 - o proprietário nas condições anteriores e que ainda participe da pesca, recebe 1/3 e mais um quinhão²⁰;
- 3 - o proprietário de uma canoa e uma parte do tresmalho recebe 1/2 de 1/3;
- 4 - o adulto que entra com serviço apenas ou a criança que trabalha como adulto recebem 1 quinhão; a criança, meio quinhão.

Informaram-me de que, se o proprietário de um tresmalho não possui canoa e a toma de empréstimo, dará ao dono da mesma um quinhão igual ao dos pescadores, tirado de sua parte no terço do tresmalho. Contudo, não vi caso algum em que isso se observasse: os donos de rede eram também donos de canoas.

Chega, finalmente, o fim da estação. A tainha já abarrotou o mercado local, já passou a interessar às lanchas de pesca e já constitui uma boa parte da provisão do peixe seco. Porque é comum "escalar" tainha, isto é, "consertá-la" (limpá-la), salgá-la e pô-la ao sol nos varais das casas, para suprir a falta nos momentos de escassez.

20 "Quinhão" é uma quantidade variável de peixes, resultante da divisão do "monte" conseguido por seis (são seis componentes da tripulação) depois que se tirou o terço do tresmalho. Se, por exemplo, pescaram 39 tainhas, o terço será de 13 e as 26 restantes são divididas por 6. O quociente é o quinhão (nesse caso, 4).

As tainhas que agora aparecem, são as "tainhas de agosto", magras depois da desova, com um colorido diferente, que um caiçara me dizia ser "cor de tainha choca".

E o tresmalho volta à inatividade. Ou então, tirando-se-lhe parte do "chumbo" para que se torne mais leve, é transformado numa "minjoada", rede de espera com que se entregam à matança de outros peixes "emalháveis" que vão entrando na circulação.